

Apresentação individual.

Robson de Freitas Pereira

“Só instituímos o novo no funcionamento – desejo e contingência”.

Instituir no funcionamento é a frase de Lacan enunciada na *Proposição de 9 de outubro/67- sobre o psicanalista da escola* quando buscava reorganizar a Escola Freudiana de Paris. Cito: “Não instituímos o novo senão no funcionamento”. Talvez ela nos ajude a elaborar a experiência interinstitucional reconhecendo seus limites e potencialidades com a lógica do desejo indestrutível e da contingência.

Desejo indestrutível. Lacan em 13/11/73 formula a pergunta se a sustentação e a presença na cultura da descoberta do inconsciente não seria a nossa leitura do desejo indestrutível proposto por Freud nas últimas linhas da *Interpretação dos sonhos*. Desde que aceitássemos ser bobos do inconsciente, não lutássemos contra esta estrutura que nos determina, tentando ser não-tolos, espertos. Porque se, hegemonicamente, estamos buscando não reconhecer esta falta na linguagem que se articula em desejo podemos estar em direção ao pior.

Temos uma série de dificuldades no encontro com os outros, os diferentes. As diferenças de línguas – até onde favorecem resistência? As línguas tem valor fálico. Reconhecer isto e, reconhecer as diferenças além do valor fálico seria um avanço; pois teríamos uma chance de ultrapassar o semblante em favor dos efeitos do discurso do psicanalista.

Para isto, haveria que enfrentar nossos impulsos de transformar o discurso em jargão e a transferência em estereótipos. Qualquer instituição corre esse risco, qualquer movimento também. Questões de como viver juntos (lembrando Roland Barthes) em determinadas comunidades. Estar a altura de seu tempo, sem abrir mão dos fundamentos; outro desafio de Lacan, que acompanha Freud quando este não quis abrir mão do valor dos sonhos nem da sexualidade como lhe foi aconselhado na viagem aos EUA.

O encontro com o outro é sempre um encontro falho, incompleto. Coerente com o simbólico linguageiro que nos organiza. Causa medo, angústia, rechaço mas também curiosidade e possibilidade de surgimento de algo novo.

Aqui podemos apontar o diálogo com os saberes diferentes do nosso, mas que ressoam em nossa escuta. Um belo exemplo; a etnografia dos sonhos dos *Yanomami*, feita por Hanna Limulja em seu livro “*O desejo dos outros*”. A autora utiliza-se da idéia da fita de moebius para mostrar como o sonho, o corpo e o ambiente estão articulados para os povos originários. Em outro momento (grupo de trabalho) falamos de *recursividade*: um termo usado de maneira mais geral para descrever o processo de resolução de problemas através da fragmentação e repetição de um objeto. A recursividade como processo de repetição para os psicanalistas implica o reconhecimento de um encontro com o real e este reconhecimento tem sua possibilidade de efetivar-se como um bem-dizer, quando se estabelece a partir de sua contingência. Pois, há um outro gozo além do fálico. Isso possibilita a práxis de uma ética e aponta os limites de nosso conhecimento quando caímos no isolamento. No seminário XX, (08/05/73), Lacan faz esta afirmação: “A economia do gozo, taí o que ainda não está perto da ponta de nossos dedos...O que podemos ver sobre isto, a partir do discurso analítico, é que talvez tenhamos uma chancezinha de encontrar alguma coisa a respeito por vias essencialmente contingentes.”

Alcançamos alguma coisa nova por meios contingentes. Uma função tem um espaço de vazio que possibilita algo que *deixe de não se inscrever*. Daí que instituir no funcionamento articula estas dimensões que apontam para um funcionamento no sentido operativo e, simultaneamente, possibilita a constituição de um espaço onde não haja a obrigatoriedade de estabelecer um sentido rapidamente, ou mesmo o reconhecimento da impossibilidade de fechar a organização em um único sentido. Seria desconhecer a boa lógica. Enfim, se não aceitarmos ser tolos do inconsciente, se queremos ter o domínio (sermos *non-dupes*) e ficarmos resistindo a aceitar esta estrutura que nos determina, estaremos sempre tentando a loucura do controle total, ou buscando um Outro que nos controle, seja este um saber científico, religioso, ou mesmo totalitário. Na história individual e coletiva os exemplos são inúmeros.

Um deles apontado por Ailton Krenak em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*: “Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma

intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que canta, dança, faz chover.” Enfrentando assim, o tipo de impulso que convoca a não tolerar tanto prazer, tanta fruição de vida. “Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.” Isto é dito por um líder indígena, da etnia Crenaque que nos lembra que há 500 anos começou o extermínio de suas nações.

Eles não perdem o entusiasmo, apesar de tudo. Não tem medo da queda; afinal o sujeito barrado surge no intervalo, na queda entre os significantes, inventam paraquedas coloridos; pois como cantam os torcedores daquele time inglês: “when you walk with hope in your heart/
You’ll never walk alone./ walk on, walk on

<https://open.spotify.com/track/7AalBKBoLDR4UmRYRJpdbj?si=36ee78f6e0a64>

[620](#)

(4’50’’)